

---

## OS SEGREDOS DA PERSONAGEM EM FRANCISCO DANTAS

---

Joseana Souza da Fonsêca (UFS)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo inicia-se com uma discussão sobre a problemática conceitual que cerca a caracterização das personagens de ficção. No entanto, a tentativa é descobrir os segredos subjacentes à tessitura de personagens-protagonistas nos textos de Francisco Dantas. Seres ficcionais cujas identidades não são totalmente reveladas ao leitor. Segundo a teoria de Brait (1985) e Cândido (1998) tal construção estética corresponde a classificação de personagens complexas, das quais o leitor apreende apenas uma visão fragmentária de seus desejos, seus pensamentos, suas identidades.

**PALAVRAS-CHAVE:** personagens, ficção, Francisco Dantas.

**ABSTRACT :** This article begins with a discussion of the conceptual issues surrounding the characterization of fictional characters. However, the attempt is to discover the mysteries of the protagonist-characters in the writings of Francisco Dantas. Fictional beings whose identities are not completely revealed to the reader. According to the theory of Brait (1985) and Candido (1998), such aesthetic construction corresponds to the classification of complex characters, of which the reader perceives only a fragmentary view of their wishes, their thoughts, their identities.

**KEYWORDS:** characters, fiction, Francisco Dantas.

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela UFS. Professora da Secretaria Municipal e Estadual de Educação de Sergipe.

As personagens de ficção, ao longo dos tempos, têm sido associadas a categorias e funções diversas. Contudo, a dicotomia que cerca este elemento estético: ser vivo/pessoa versus ser ficcional/personagem, é o que mais motiva discussão. Esses seres ficcionais são facilmente confundidos com seres humanos. Para os teóricos estruturalistas, a personagem “é um ser de papel. Entretanto, recusar toda relação entre personagem e pessoa seria absurdo; as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção” (DUCROT & TODOROV apud BRAIT, 1985, p.11). São definições desta natureza que contribuem para o contínuo embate a respeito desses seres fundamentais à narrativa, ao romance. Segundo Cândido, “a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação, de fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial” (1998, p. 55).

Em consonância às lacunas fronteiriças que os teóricos deixam sobre a definição da categoria personagem, este artigo tem a finalidade de desvendar os mistérios que subjazem à tessitura desse ser antropomórfico na narrativa de Francisco José Costa Dantas, premiado em 2000 pela União Latina de Literatura Românica. Homem de vida simples, após sua aposentadoria de professor universitário, Dantas vive em sua terra natal, no interior de Sergipe. Ele surpreende ao quebrar o mito que os maiores nomes da literatura devem viver e circular nas metrópoles brasileiras. A arte, a literatura não se submetem as fronteiras geográficas. É do chão seco, da vida simples de sua gente sergipana e brasileira que Dantas colhe o material para tecer seus textos.

O primeiro romance, *Coivara da Memória* (1991), lança o leitor em um mundo imaginário de forte cunho regional e entremeado de reflexão teórica e criação poética, principalmente, no que se refere à linguagem. A memória, o monólogo interior, o fluxo de consciência do narrador-personagem apresenta-se em forma de uma escrita simbólica de seu lugar e de sua condição de injustiçado.

Meio absorto eu ia saboreando o fio de sua palavra, me deixando agarrar pelo fascínio da rouquenha sonoridade. E pouco a pouco, não sei por vias de que mandiga começava a me mover no bojo do tempo antigo, confundido com o avô-menino que me tomava pela mão e ia recuando em fanfarras incríveis até o começo do mundo [...] e sorvíamos a grandes

goladas o cheiro acochegante da virgem natureza que torna a gente mais irmanado com este mundão de Deus, esquecidos dos irmãos malvados (DANTAS, 1991, p.162-163).

Em *Os Desvalidos* (1993), Dantas retoma o tema da crueldade, da fome, do cangaço. Através de personagens como Coriolano, pequeno comerciante do interior e do lendário Virgulino Lampião, chefe dos cangaceiros, o escritor expõe as divergências entre tradição e progresso. Ele reporta-se às dimensões sociais e humanas nutridas pelas velhas tradições, mas situadas num contexto moderno, no qual os indivíduos que não se adequam são lançados à margem da sociedade, a uma condição de nulidade.

Em 1997, *Cartilha do Silêncio* é publicado, o texto pode ser considerado a obra-prima do escritor. O romance conta a história de uma família tradicional de Sergipe, num percurso de quase um século. Nele, confirma-se o trabalho de resgate de uma memória coletiva, a memória cultural do Nordeste, a memória do marcante e vasto regionalismo de 30; embora, seja preciso ressaltar, que o olhar, o contexto está subjugado a uma visão de mundo pessimista e crítica.

Em *Sob o Peso das Sombras* (2004), a estratégia de resgate da memória, de revelação dos imbricamentos desiguais que formam a base da sociedade brasileira são narrados por Justino Vieira, um funcionário público que vive atormetado pelo câncer que o mata dia a dia tal qual os desmandos do chefe Gileu Bicalho fizeram na época da mocidade.

São nove horas da noite. Recolhido a minha paisagem íntima, separado de meus filhos que não dão notícias, separado de Leopolda para sempre [...] A consciência de minha fragilidade, de meus dias longos mas contados, não me empanam a vista. Retiram, de tudo que me cerca, a solidez, o volume, a qualidade, meus sentidos estão exaustos, vazios como uma veia esgotada. Não tenho mais laços com ninguém (DANTAS, 2004, p. 365).

As sombras da opressão social anulam todas as tentativas de sucesso pessoal ou profissional de Justino Vieira. Além disso, Leopolda, sua cunhada contribui para o sentimento de dependente da caridade alheia. Ela é uma das emblemáticas personagens femininas criadas por Dantas. Suas mulheres ficcionais

exaltam sedução e poder. Até mesmo as mais resignadas à sua condição de mulher ou de pobre ou de doente, todas representam com propriedade os contornos da subjetividade feminina.

Em seus dois últimos textos, *Cabo Josino Viloso* (2005) e *Caderno de Ruminacões* (2012), o destaque é para o elemento ironia. As duas obras apesar das diferenças de contexto, temática e ambiente, abordam a questão do apadrinhamento político fazendo uso do viés cômico e trágico.

No primeiro texto, Cabo Josino Viloso pode ser lido como o herói problemático de Lukács, um herói que é incompleto e vive em constante conflito com as regras do espaço onde vive. Este tipo de personagem “sofre a influência determinante das estruturas sociais”. (cf. BRAIT, 1985, p. 39). Cabo Josino Viloso, após uma luta contra o nepotismo, toma consciência de si e se rende ao situacionismo. Vai às farras com os coronéis que ditam a ordem no Nordeste. Os seus antigos valores - patriotismo e justiça - são enterrados como os pobres indigentes no Brasil.

O último texto de Dantas é *Caderno de Ruminacões*(2012), nele, o proctologista Otávio Benildo Rocha Venturoso é outra personagem que não consegue ser bem sucedida devido aos conchavos políticos que regem as instituições públicas. Assim como em *Cabo Josino Viloso*, as palavras foram trabalhadas na acidez da ironia. O fracasso pessoal e profissional que dão origem aos desajustes psicológicos da personagem são narrados envoltos pelo sarcasmo. A especialidade escolhida por Rochinha, proctologia, que segundo os algozes do exímio aluno de Medicina, significava apenas “médico de cu” evidenciava o desprezo dos ricos da família pelos descendentes de baixo poder aquisitivo. Apesar da formação num curso de elite, os familiares tradicionais o desprezavam por conta da origem humilde: “tudo ficara recuado por um vento ácido, encoberto de neblina. A descida é sempre mais vertiginosa do que qualquer escalada. Falhara na vida e o desengano era uma costela sua, era parte do seu corpo, ia acompanhá-lo entranhado no sangue até o fim” (DANTAS, 2012, p. 206).

Tal deslocamento identitário e profissional na vida de Rochinha, subjugado às regras sociais, é um traço recorrente nas personagens masculinas dos textos de Francisco Dantas, a citar Filipe em *Os Desvalidos*, Cassiano Barroso de

*Cartilha do Silêncio*, Justino Vieira em *Sob o Peso das Sombras*. Homens desajustados e que apresentam como causas de suas amarguras a incompatibilidade com o meio onde vivem, a precária posição social e ou as relações frustradas com as densas mulheres criadas por Dantas.

Percebe-se que o elenco variado de personagens, de um modo geral, bem como os demais elementos: enredo, tempo, espaço e os valores que compõem as narrativas do escritor sergipano, inspiram os mais distintos sentimentos ou conjunturas. E por serem elementos ativos de uma narrativa, as personagens, em especial, provocam nos leitores sentimentos de amor, ódio, alegria ou ainda os leva a reconhecer conhecidos, se reconhecer dentro de um mundo imaginário que se apresenta tão palpável.

Desse modo, são esses elementos caracterizadores, os recursos infinitos oferecidos pelo código verbal no espaço ficcional bem como as técnicas de cada autor para compor as possibilidades de existências humanas que garantem o diálogo entre seres factuais e seres ficcionais. De acordo com Brait (1985), até meados do século XVIII, o conceito aristotélico de mímese era usado para definir o papel da personagem na arte poética, ou seja, a personagem era um modelo a ser imitado pelos humanos. Tempos depois, o filósofo romano Horácio enfatiza o caráter moralizante que subfaz por trás de cada persona, teoria que “contribuiu decisivamente para uma tradição empenhada em conceber e avaliar as personagens a partir dos modelos humanos” (BRAIT, 1985, p. 35).

Como se percebe, os diferentes contextos históricos e as divergentes correntes artísticas adotam um entendimento diferente para este ser ficcional. No livro *A personagem de ficção*, o crítico de teatro Anatol Rosenfeld reforça o limite intratextual desses seres. Para este alemão, as personagens são “seres puramente intencionais sem referência a seres autônomos. São seres totalmente projetados por orações”. (1998, p. 35). No mesmo livro, o crítico literário brasileiro Antônio Cândido afirma que as personagens “obedecem a uma lei própria. São mais nítidas, mais conscientes, têm um contorno definido, ao contrário do caos da vida - pois há nelas uma lógica pré-estabelecida pelo autor, que as torna paradigmas e eficazes” (1985, p. 67). Observa-se, então, que há uma retomada do pensamento desses seres como paradigmas, como modelos a serem seguidos.

Se continuarmos neste caminho, a discussão será longa. O que interessa neste artigo é descobrir os mistérios que envolvem a tessitura das personagens nos textos de Dantas. Se elas representam estereótipos regionais de uma classe social ou de uma sociedade isso é de menor importância. Seja elemento decorativo, agente da ação, porta-voz do autor, o que interessa são as vicissitudes usadas em sua construção. Nesta busca por respostas, a respeito dos elementos estéticos e culturais, faremos um recorte, necessário a todo estudo, a partir da análise de alguns protagonistas dos textos do escritor. Vale a ressalva que o estudo se pautará no contexto e em todas as vicissitudes apresentadas na construção textual, nos elementos internos, embora seja sabido que tais elementos fazem referência ao contexto extraliterário (cf. CANDIDO, 2006). No caso de Dantas, os conflitos regionais são também universais.

A escolha da personagem protagonista deu-se devido a esta ser o sujeito da ação, todos os conflitos se dão em torno dela. Nas palavras de Brait, a protagonista é a “personagem principal, aquela que ganha o primeiro plano na narrativa” (1985, p. 89). O protagonista é a personagem que recebe a tinta emocional mais viva e mais marcada numa narrativa. E segundo Dalcastagnè,

os protagonistas dos romances brasileiros contemporâneos são herdeiros de seus malogros, de sua insanidade. Entendem mais da frustrações diante dos moinhos de vento do que da euforia das grandes batalhas. Degradaram-se, nos termos de Lukács, e seguiram caminho, esmagando sob seus pés qualquer pretensão de glória (2001, p. 114).

Nesse sentido, percebe-se toda uma conjuntura complexa que envolve tais tipos de personagens próprios da vida urbana e rural de Sergipe. Isso não significa dizer que estes personagens são mais relevantes, pois todos partícipes do enredo sejam eles protagonistas, antagonistas ou adjuvantes desempenham um papel específico e relevante para o desenrolar da narrativa. No imaginário de Dantas, não é diferente, as personagens secundárias são fundamentais para o desenvolvimento da trama. Todavia, nosso estudo só delineará as fronteiras de seus protagonistas.

*Cartilha do Silêncio* inicia seu enredo apresentando D. Senhora, a esposa do rico fazendeiro Romeu Barroso. Na primeira parte do romance, que está dividido

em cinco capítulos, o leitor toma conhecimento de pedaços da identidade de uma das mais bem construídas personagens femininas de Dantas. A representação da subjetividade feminina em D. Senhora ganha contornos muito peculiares aos sentimentos das mulheres embora teóricos afirmem que por mais solidário que seja às mulheres, um homem dificilmente consegue representar os sentimentos, desejos femininos (cf. DALCASTAGNÉ, 2005, p. 19).

E está na vicissitude, na dicotomia do perfil de D. Senhora, que ora pode ser comparada a Maria, mãe pura e zelosa, ora a Eva, mulher que leva o homem ao pecado que faz dela uma personagem curiosa. A ambiguidade é um dos mistérios de D. Senhora. Em sua tessitura, o autor usa os arquétipos femininos do romantismo espiritual e da mulher erótica. Ela é uma mulher que ama verdadeiramente o esposo, mas que entende a relação sexual como vital para o casamento e para a vida.

Mulher comedida em comilanças de mesa, sim; dona de casa com tarimba e asseada, também; mãe amorosa e com suficiente prepara para educar o seu pirralho, até demais. Porém, neste outro capítulo – aí não! E terminantemente! Não lhe peçam moderação ... É aproveitar se doando inteira, regateando o troco largo do parceiro, visto que, no seu calendário pessoal, não há folga para dia feriado. E se deslanchar à larga (DANTAS, 1997, p. 21).

Neste sentido, a bela senhora da elite sergipana enquadra-se como uma personagem complexa psicologicamente. “Ela traz em si a imprevisibilidade da vida” (FORSTER apud CANDIDO, 1998, p. 47).

D. Senhora é comprometida e disciplinada quanto aos afazeres domésticos, criação do filho, os hábitos de mulher branca burguesa, como também ao entendimento da necessidade de ter um homem/casamento. No entanto, vai de encontro ao contexto tradicional no que se refere aos desejos que sente e em, alguns momentos exibe: o gosto pelas artes, teatro, música e o desejo sexual. Para a personagem, a relação sexual diária e prolongada é o que nutre a união conjugal. Traços fictícios passíveis de existência embora seja ratificado constantemente pelos teóricos que “as pessoas reais, assim como todos os objetos reais, são totalmente determinados como unidades concretas, integradas de uma infinidade de predicados, dos quais alguns somente podem ser “colhidos” e “retirados” por meio

de operações cognoscitivas especiais” (CANDIDO,1998, p. 24). Ou seja, a ficção não dá conta de explicar a problemática que envolve o real. Observa-se que há escritores que se aproximam das zonas dos mistérios humanos. Entretanto, suas personagens são construídas sobre a opacidade e inconstância dos seres reais: Quem é Capitu?

Desse modo, a alternância de comportamento mulher pudica/devassa e até mesmo de seus nomes D. Senhora, nome imposto pelo marido após o casamento, e Rosário, nome de batismo, confirmam o jogo complexo da sua identidade. Traço peculiar que remete a outras personagens da literatura brasileira (Lúcia/Lucíola) de Alencar; (Rinaldo/Diadorim) de Guimarães Rosa; em todos eles, a duplicidade dos nomes está relacionada a comportamentos distintos adotados por uma única personagem. Vale a ressalva, que é a identidade de senhora casada, mulher de Romeu Barroso, que mais se sobressai apesar dos fragmentos da identidade de Rosário retomarem corpo quando a dona de casa sentia-se oprimida. O nome de solteira era sinônimo de independência, rebeldia.

Nunca enxergou bem como esse sentimento doméstico da mais entranhada devoção, da mais pacata matrona, veio se instalando nela, caladamente, nas costas dos anos, a ponto de quase lhe desbancar da memória os ímpetos que tinha na mocidade, o anseio mais de uma vez revelado de ser artista de palco, correndo o mundo-destino. Outrora, se munira de planos alheios a esse ranço caseiro, e agora, ainda no meio da vida, veio redundar cativa das mais tolas convenções. Não havia quem dissesse... (DANTAS, 1997, p.16).

Esta similitude com o viver, com os sonhos de muitas mulheres do contexto extraliterário, talvez, a torne tão fascinante. De certa forma, D. Senhora é uma representação íntima dos anseios femininos de muitas mulheres do mundo real. Dantas consegue, dentro do possível, representar o que a personagem feminina quer, com que sonha, e ainda como algumas mulheres casadas entendiam a relação a dois naquele tempo. Além de evidenciar que mesmo no início do século XX, algumas mulheres se viam como o Outro, sujeito de seu corpo, de seu discurso, e não apenas como parte do companheiro. E em se tratando do momento histórico, a ousadia da personagem é índice da tentativa de desnaturalização do comportamento adotado pelo patriarcalismo.



Em suas reminiscências, D. Senhora diz que chocava a sociedade sergipana pelo seu comportamento ativo, pela sua beleza e gosto pelas artes. O jogo misterioso de se mostrar, de se conter quando preciso, confirma a representação de uma mulher que tenta se afirmar como sujeito, embora ela tenha conhecimento dos limites impostos ao gênero feminino. “Ah, como a mulher vive por baixo, desfalcada de seus direitos! Esse ranço abarca o mundo desde o princípio das eras. Esta é a pura verdade.” (DANTAS, 1997, p. 30). Entendimento que a conduz a um desfecho desolador.

Após perder o marido na viagem feita para Alagoas, ela sente-se culpada por ter causado a morte do seu amor, do seu homem e adota de vez o comportamento passivo, se deixa ser oprimida, roubada, discriminada pelo perverso e interesseiro cunhado. Ela enterra toda vivacidade com o marido; negligencia o filho e morre louca num asilo. É a punição pelo comportamento ousado, ela é silenciada.

Outro fato que conota parte de seu silêncio diz respeito a voz que narra, a vida de Rosário/D. Senhora é contada pelo narrador onisciente, que divide o relato das lembranças com D. Senhora. E ele, em muitos momentos, apresenta a ambiguidade do comportamento, dos sentimentos da personagem: “afogada em dúvidas” (p. 25) “Não fora feita pra sentimentos heroicos” (p. 27). “A consciência de sua vida apertada, o sentimento de andar perdida” (p. 28). “Ela não, é moeda de uma cara só. E declarada!” (p. 39). “Tem de conservar a disciplina a que, de fato, nunca se acostumou” (p. 59). “Essa obrigação de ser sonsa, dissimulada, chupa-lhe as forças, e faz dela, malcontente, criatura estonteada. Tolhida por esse jugo afrontoso, tem de deixar o desejo perecer” (p. 60).

Logo, os substantivos definidores de processos psíquicos “sentimentos, consciência” bem como os pormenores circunstanciais “Ela não, é moeda de uma cara só” e “Essa obrigação de ser sonsa, dissimulada” evidenciam as identidades múltiplas, complexidade da personagem se bem que sabemos que esta conjuntura é limitada. “No romance, podemos variar relativamente a nossa interpretação da personagem; o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva da sua existência e a natureza do seu modo-de-ser” (CANDIDO, 1998, p.43). No entanto, não é fácil compreender as transformações sofridas pela personagem ao longo do enredo: Quem é D. Senhora?

Na mesma empreitada, o que dizer de Arcanja, sobrinha de D.Senhora, conhecedora e, portanto, desafiadora do preconceito arraigado nas raízes culturais da desigualdade sexual e de gênero mas que é derrotada pela tuberculose? Ou ainda o que compreender do perfil traçado para a avô do narrador-personagem em *Coivara da Memória*, uma mulher condicionada a ser inferior e submissa ao homem devido aos mais distintos mecanismos de opressão: gênero, classe, contexto histórico - séc. XIX- mas que

rompe com o estereótipo da senhora de engenho, que se empenha em ser mãe, mulher e senhora, em que o altruísmo fala mais alto. Ao contrário, ela, pode-se dizer, é uma mulher à frente de seu tempo, que se assemelha à personagem Dona Senhora. Apesar das divergências que as afastam, ambas têm comportamentos que as fazem estar continuamente no entre-lugar da cultura (TEIXEIRA, 2010, p. 64-65).

Pode-se ainda elencar Maria Melona e Santinha, mulheres cangaceiras em *Os Desvalidos* ou a vingativa Leopolda em *Sob o Peso das Sombras* sem deixar de fora do quadro feminino as independentes, Idalina de *Cabo Josino Viloso* e Analice de *Caderno de Ruminações*, dentre outras. Tais construções identitárias para o gênero feminino embasam pesquisadores a afirmarem que “o olhar de Francisco Dantas é um olhar que se beneficiou dos estudos que procuraram dar visibilidade aos anseios femininos, negar os mitos que colocavam a mulher numa posição naturalmente inferior ao homem e denunciar a construção arbitrária das desigualdades de gênero” (GERÔNIMO, 2008, p.77).

Talvez esta não seja a pretensão do autor, negar, via seus textos, o processo de naturalização da condição subjugada da mulher, visto que em seus romances, as mulheres sujeitas de si são punidas com a morte, embora seja sabido que a morte também pode ser lida como uma forma de enfrentamento e contestação. São os outros elementos narrativos como espaço, os valores transmitidos e os discursos que ratificam o lugar de silêncio que marca a vivência da maioria das personagens femininas. No entanto, pode-se concordar quando Gerônimo relata que

Francisco Dantas é um escritor que olha para o passado de homens e mulheres com uma lente do presente. Ele ocupa um

lugar temporal privilegiado, o que permite que sua visão evidencie positivamente alguns aspectos presentes na transformação da sociedade patriarcal, a exemplo dos anseios femininos por uma vida mais independente do mando *do pater famílias* (2008, p.77-78).

Todas as personagens falam de lugares e tempos diferentes, apresentam níveis variados de assujeitamento ao sistema patriarcal e capitalista, e, apesar das investidas contra as instâncias de poder não conseguem quebrar de uma vez por todas as amarras ao poder do sujeito homem.

É este caráter especulativo que subjaz aos textos literários que deixa o leitor atraído pelos seres ficcionais. Segundo Cândido, esse jogo singulariza o trabalho do autor, ocorre graças aos recursos de caracterização dispostos na tessitura das personagens “(isto é, os elementos que o romancista utiliza para descrever e definir a personagem, de maneira que ela possa dar a impressão de vida, configurando-se ante o leitor), [...] a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza” (1998, p.59). O leitor, nesse sentido, fica submetido a uma forte impressão de visão fragmentária das identidades das personagens, o que contribui para a atemporalidade dos textos literários, o caráter de incompletude do sentido dos textos, de construção de significados fechados sobre as personagens tal qual nos apresenta as pessoas na vida real.

Assim como as personagens femininas sofrem as mais bruscas censuras sobre os sentimentos e atos, às personagens masculinas também são impostas restrições diversas. Os homens da ficção de Francisco Dantas são aprisionados à solidão, à vulnerabilidade da velhice, a enfermidade física e mental, aos conflitos de gerações, ao poder avassalador do autoengano, às distorções do ego, à mobilidade descendente ou ascendente, ou seja, a mudança de um estrato social a outro, sem mudança de gostos pessoais. As frustrações são inúmeras e enviesadas pelas mais distintas situações.

Dessa forma, mesmo sendo evidente, o destaque ao poder patriarcal em seus textos, Dantas não suaviza a vivência dos sujeitos machos, eles são conturbados por certo solipsismo, vivem num entre-lugar subjetivo, isolados dentro de si, “alheio” ao que ocorre no mundo exterior. Ou seja, as personagens masculinas apresentam

dificuldades de lidar com o contexto real, as mudanças sociais e culturais inerentes à vida de um modo geral.

A personagem Cassiano, de *Cartilha do Silêncio*, é um exemplo do indivíduo que tenta romper com as normas, valores da realidade circundante e busca viver em função de sua própria consciência, o que consta certo egoísmo. Para a esposa Arcanja:

Essa mania de tanta enfeitação que Cassiano trouxera do Rio, primeiro vista e censurada nos seus trajos maneiristas, não decorria de mera ostentação, conforme o povo advogava, malicioso. [...] Era uma doença, auto-satisfação, uma coisa de mando muito forte, imposta e destinada (DANTAS, 1997, p. 85).

Além do vício ao luxo mesmo diante do baixo poder aquisitivo, o ensimesmamento também recorrente nas identidades das personagens masculinas dificultam o desvelar de todos os seus segredos para o leitor.

Romeu Barroso, pai de Cassiano, apresenta como principal identidade o silêncio, a falta de diálogo para com a esposa e com todos, o comportamento sisudo, introspectivo. Esta característica é como se fosse um arquétipo do homem da imaginação criativa do escritor sergipano. Romeu Barroso e Cassiano são construídos dentro de um viés de valores morais conservadores, preceitos éticos rígidos. Dona Senhora afirma sobre Romeu: “É birra do pirracento. Vem puramente da cisma, do capricho reimoso dessa raça dos Barroso, que é gente direita e positiva mas tem um gênio de cobra” (DANTAS, 1997, p.19).

Em *Caderno de Ruminações*, o protagonista, Dr. Rochinha ratifica a natureza inquieta, atormentada pelo fracasso profissional e pessoal, pelas relações familiares ríspidas e conturbadas de muitas das personagens masculinas dos textos de Dantas. As desavenças familiares que tanto prejudicaram Cassiano e Remígio Barroso, Justino Vieira também põe o proctologista numa situação perturbadora:

- Minha irmã, aliás, sua prima, é a mulher ideal para um médico de cu...Você acaba de se unir a uma galinha. E não terá dela um único tostão...Como profissional, você não passa de um fracassado. Agora quero assistir a sua ruína afetiva...Nem sequer preciso semear discórdia para me regalar com a sua

nova condição de cornudo. Você vai lamber os pés de Analice! (DANTAS, 2012, p. 402).

O desabafo do cunhado Eloino logo após o sim no altar é índice do que será a vida do doutor Rochinha, dependente do dinheiro e das noites de luxúrias que Analice oferece, não se sabe com que intenções, a um cinquentão desengonçado fisicamente e inexperiente na arte do amor, na arte de viver conforme as mudanças “naturais” do tempo. O que quer Analice?

O retorno frequente ao passado por parte das personagens masculinas de Dantas também é observada em *Caderno de Ruminacões* “com a ruína de seu projeto profissional, a infância tem retornado e lhe chega por caminhos insidiosos ocupando, na calada do tempo, todos os espaços vazios” (DANTAS, 2012, p.18). Vale a pena esclarecer que este retorno às memórias, via horas e horas de ruminacões como o título do texto indica, revela um intimismo sufocado pelos traumas incommunicáveis, pela sucessão de perdas, pela incompatibilidade entre a personagem e o mundo.

É apenas através das memórias que as dores são apaziguadas embora seja sabido que “ah, como o tempo interfere na memória... como altera as ideias” (DANTAS, 2012, p.23). Dr. Rochinha vivia sob uma nefasta miséria moral que o empurrava ao casamento com uma prima independente, dissimulada e que assim como o restante da família Parrachos o renegava. “Analice chegou para torcer as suas convicções, para chupar-lhe os miolos, para comer-lhe o sossego e deixa-lo rente ao chão” (DANTAS, 2012, p.295). E mesmo enxergando o bote, se deixou ser preso pela prima/serpente. Uma turbulência de sentimentos que comprova a vida de enfrentamento psicológicos por onde transitam as personagens de Dantas.

Após a breve leitura sobre algumas personagens dos textos de Dantas, constata-se que a concepção de personagem de ficção varia de acordo com o método usado na leitura e na análise do texto. Na concepção semiológica é uma instância de linguagem. E “falar de personagens como se fossem seres vivos é uma postura banal e incoerente” (HANON apud BRAIT,1985, p.44). Para a teoria literária moderna conforme Brait,

o analista deve considerar a longa tradição do estudo da personagem e, sem superestimar ou minimizar a função desse

componente em relação aos outros que dão forma à narrativa encontrar a sua especificidade na íntima relação existente entre essa e as demais instâncias do discurso literário (p.47).

Em 2009, no I Senalic promovido pela UFS, foi perguntado ao escritor sergipano de onde ele retirava a matéria-prima para tessitura de suas personagens ficcionais e Dantas revelou que era de sua vivência, do que leu e do que viveu. Este é um traço de romancistas memorialistas (Cf. CÂNDIDO, 1998). Outro aspecto que se destaca na construção dos seres atuantes de suas histórias é a preferência por narradores-personagens. “Tomando como medida o romance moderno, empenhado cada vez mais em distanciar a personagem dos esquemas fixos que delimitam o ser fictício [...] esse recurso ajuda a multiplicar a complexidade da personagem e da escritura que lhe dá existência” (BRAIT, 1985, p.61). No entanto, tal associação de densidade relacionada à construção do narrador-personagem depende da criatividade do escritor em arquitetar toda trama de modo coeso e verossímil.

Além dessa categoria de personagem, o leitor ainda pode identificar nos seis romances de Dantas *personagens transpostas de modelos anteriores* que são reconstruídos a partir do testemunho ou do trabalho da imaginação. Se enquadra nesta tipologia Mané Piaba, agregado da família Barroso, que também pode ser lido como personagem com uma função decorativa, que constitui um traço de cor local, um grupo. O empregado preguiçoso da fazenda da Varginha ainda faz referência a *personagem tipo*, “aquela que apresenta uma ideia única levada ao extremo, distorcida de forma propositada, geralmente a serviço da sátira, ela torna-se uma caricatura” (cf. BRAIT, 1985, p.41). Seria o que Cândido (1998) denomina de *personagens de costumes*. Pode também ser identificadas *personagens projetadas* “em que o escritor incorpora a sua vivência, os seus sentimentos” (CÂNDIDO, 1998, p.71). Como ocorre em Menino de Engenho de José Lins do Rego. Cabo Josino Viloso da obra homônima também se enquadra nesta categoria também conhecida como *personagens planas*. Jileu Bicalho de *Sob o Peso das Sombras* aparenta ser uma *personagem construída a partir de um modelo real*. Muitos leitores sergipanos reconhecem claramente gestos, jargões, a personalidade de uma figura importante de Sergipe. No entanto, não há como confirmar tal informação. Na arte, qualquer semelhança é mera coincidência.

A partir da apresentação de algumas personagens de Dantas percebe-se que elas são produto da origem social e cultural da qual o escritor é partícipe. Ele as situa dentro de uma perspectiva entremeada pela restrição dos valores do meio e do tempo nos quais elas atuam bem como pela focalização do meio/tempo em que o autor vive. Um jogo muito particular e sutil a este escritor que tenta fundir passado e presente, valores de uma dada época a modos de vidas mais atuais, no entanto, verossímil e plausível ao contexto em que as personagens vivem.

Os textos de Dantas apontam uma escrita cerceada por um discurso tradicional e castrador tanto para homens quanto para mulheres. Seus seres ficcionais estão aprisionados a uma convenção real e ilusória, a solidão absoluta quanto aos ideais, a frustração, a impossibilidade de adequar-se ao outro e, principalmente, a insistente aspiração de romper com a ordem familiar, social, cultural, intelectual estabelecida. Um mistério não decifrado por completo.

Por que Coriolano, Arcanja, Dr. Rochinha e as demais personagens têm suas vidas anuladas, seu discurso silenciado pelas mais diversas instâncias de poder? Tal sina trágica poderia situar as personagens como seres íntegros delimitados (cf. CANDIDO, 1995), personagens cujos traços característicos são marcados por características específicas e constantes. Entretanto, a complexidade que envolve a existência ficcional desses seres: enredos, identidades das personagens, seus valores morais as conduzem à tipologia de seres complicados ainda conforme Cândido, “que não se esgotam nos traços característicos, mas têm certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecimento e o mistério” (1995, p. 60).

Desse modo, as personagens construídas pelo escritor Francisco Dantas são complexas por conta da fragmentação que envolve suas identidades, aspecto que as aproximam da complexidade inerente à vida do ser factual, apesar das diferenças subjacentes entre personagem e pessoas. Nem mesmo a recorrente descrição/análise das personagens entre si a partir de um dialogismo interno é capaz de demarcar a natureza delas com exatidão. O que, talvez, aproxime o leitor das personagens tecidas em seus textos. O leitor constrói maior intimidade com as vivências dos seres ficcionais, tudo obviamente devido à técnica usada pelo escritor como o critério de verossimilhança, a compatibilidade estrutural, as condições de possibilidade de tal “verdade”, comportamento, ações. O fato da trama narrativa

abordar conjunturas possíveis de serem vividas no contexto extratextual causa familiaridade, gosto pelo que é lido, pelas personagens que atuam em tais situações, o que ratifica o mistério das personagens. O fictício evoca um imaginário real e atuante.

#### REFERÊNCIAS

BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.

CANDIDO, Antônio. **A Educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antônio et all. (orgs.). **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

DALCASTAGNÈ, Regina. "A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004". In: **Revista de Estudos de Literatura Brasileira contemporânea**, nº 26. Brasília, Julho/Dezembro de 2005

DANTAS, Francisco J.C. **Coivara da Memória**. São Paulo: Estação Liberdade, 1991.

\_\_\_\_\_. **Os Desvalidos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cartilha do Silêncio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

\_\_\_\_\_. **Sob o peso das Sombras**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2004.

\_\_\_\_\_. **Cabo Josino Viloso**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2005.

\_\_\_\_\_. **Caderno de Ruminções**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GERÔNIMO, Sidiney Menezes. "**Lavoura de delícias**": visibilidades de gênero nos romances de **Francisco J. C. Dantas**. São Cristóvão. Dissertação de Mestrado em Sociologia pela Universidade Federal de Sergipe, 2008.

TEIXEIRA, Glauciane Reis. **O Desvelar do Silêncio em Coivara da memória de Francisco Dantas**. Porto Alegre. Dissertação de mestrado em Literatura Brasileira pela Universidade federal de Rio Grande do Sul, 2010.

**Recebido em 01 de dezembro de 2013.**

**Aprovado em 15 fevereiro de 2014.**